

Sarney desabafa e diz que o PMDB nunca o perdoou

Telefoto de Mino Pedrosa

LÚCIA TORIBIO

BRASÍLIA — “Não tive um único dia de sossego desde a minha posse. O PMDB nunca me perdoou por eu ter chegado à Presidência da República”, desabafou o Presidente José Sarney, em entrevista exclusiva ao GLOBO ao retornar sábado de sua viagem a Paris.

Politicamente isolado e acompanhando à distância sua sucessão, Sarney atribui a intensificação das críticas de que está sendo alvo à “retórica de palanques” e acredita que o acirramento dos conflitos entre sociedade e Governo pode estar sendo estimulado por setores interessados em comprometer o calendário eleitoral, contra o que, garantiu, reagirá com energia.

— Da mesma forma de que fui um Presidente paciente e tolerante, terei a força, o desejo e a impaciência para agir com rigor e tomar todas as medidas necessárias para garantir a conclusão daquilo que considero a maior das obras do meu Governo, pela qual me sacrifiquei e me desgastei nesses quatro anos, que foi assegurar a conclusão do processo de redemocratização do País.

Sarney incluiu as críticas a sua visita à França no contexto das pressões que tem sofrido à frente do Governo.

— Não consigo enxergar qualquer justificativa para essas críticas exacerbadas ao Presidente fora de uma retórica eleitoral. Parece que os brasileiros estão querendo diminuir a importância do Brasil, depreciar o País no exterior. Somos uma nação grande e importante no contexto mundial e seria um absurdo estarmos ausentes numa solenidade como a que aconteceu na França.

Apesar das pressões, Sarney garantiu que não levará do seu período na Presidência qualquer frustração. Preparando-se para dedicar maior parte do tempo à literatura, com a publicação de um livro de memórias até o dia que antecedeu sua posse, Sarney não pretende se afastar da vida política, mesmo não disputando cargos eletivos. Ele acredita que terá cumprido plenamente sua missão ao entregar a faixa ao sucessor:

— Eu não sou um homem de frustrações, mas um homem em paz com o meu destino. A grande meta que estabeleci foi a meta da democracia. Sabia que seria muito difícil atravessar esse período e entregar o País ao meu sucessor com eleições livres e diretas. Essa era a grande meta que eu tracei, e consegui cumprir.



Convidados do Presidente Sarney retiram suas bagagens da Base Aérea sem passar pela revista da Alfândega

Dualidade de poder marcou relação difícil desde o início

BRASÍLIA — Quando o Presidente Sarney assumiu o Palácio do Planalto recebeu, já totalmente estruturada, a equipe de Governo montada por Tancredo Neves e que refletia a composição de forças que, lideradas pelo PMDB, garantiram a vitória sobre Paulo Maluf no Colégio Eleitoral. Foi Ulysses Guimarães quem lhe garantiu a posse e evitou que o impacto da morte de Tancredo se transformasse em crise institucional, mas também estabeleceu uma dualidade de poder que prevaleceu até a Convenção do partido que elegeu a chapa que disputará a sucessão.

Durante cinco anos de vida em comum, PMDB e Governo viveram uma relação de permanente crise, com um único período de harmonia nos tempos áureos do Plano Cruzado. Já então a Aliança Democrática tinha vivido sua primeira cisão, quando deixaram o Governo, entre outros Waldir Pires e Fernando Lyra.

O Plano Cruzado permitiu um

ano de lua de mel, com o País em clima de euforia, e o Presidente atingia índices de popularidade que jamais viriam a se repetir. Foi o suficiente para que o PMDB, em 1986, conquistasse quase todos os Governos estaduais. Dias depois, o Presidente anunciava o Cruzado II, com o descongelamento, aumento de impostos e perdas salariais.

Sentindo-se traídas, as bases do PMDB tentaram oficializar o seu afastamento do Governo na Convenção partidária de 1987, proposta que não chegou sequer a ser votada, graças a uma manobra de Ulysses.

Vieram as novas reformas Ministeriais, e Ulysses continuava a influir nas decisões, escolhendo Ministros, como Bresser Pereira, e exigindo a permanência de outros. Mas o Deputado acabou aliado das decisões, e Sarney manteve em seu Governo apenas representantes do grupo conservador do PMDB.

Convidados não passam por revista

BRASÍLIA — Em um terminal afastado da ala de autoridades da Base Aérea, onde não passaram pela revista da Alfândega, desembarcaram as cerca de setenta pessoas que, apesar de não fazerem parte da comitiva oficial, viajaram a Paris no mesmo avião que o Presidente José Sarney. Sarney desembarcou às 19h35m de sábado, trazendo, no avião fretado à Varig, 119 pessoas, inclusive a comitiva do Presidente uruguaio Julio Maria Sanguinetti.

O Presidente brasileiro permaneceu cerca de uma hora na Base Aérea aguardando o embarque de Sanguinetti e sua comitiva em um jato 737 da Força Aérea Brasileira (FAB), que os levou a Montevidéu. O avião cedido pelo Governo brasileiro levou também alguns “caronas” uruguaios que não foram a Paris. Duas famílias embarcaram na Base para Montevidéu, uma delas com três crianças.

Antes da aterrissagem do DC-10 da Varig, um funcionário informou que estava sendo também esperado o Boeing precursor da Presidência, mas não havia horário previsto para sua chegada de Paris. Poucos minutos depois, o Subchefe de Imprensa da Presidência, Carlos Zarur, dizia que tal voo não existia.